

O MÉDICO QUE VAI SERVIR A COMUNIDADE

Cotista da Baixada Fluminense vence preconceito e decide trabalhar no Programa Saúde da Família

Entrar para a Medicina da Uerj exigiu tantos sacrifícios que Euclides Colaço queria ficar longe de confusão pelos seis anos seguintes. Negro, pobre, morador de Nilópolis, município da Baixada Fluminense famoso por ser berço da escola de samba Beija-Flor, Colaço só conseguiu passar depois da terceira tentativa. Na primeira, não acertou nem 20% da prova, o mínimo exigido para cotistas.

Aluno da rede pública, Colaço chegou ao vestibular com graves deficiências em física, química e matemática. Foi no cursinho pré-vestibular para negros e carentes mantido pela ONG Educafro, defensora ativa da política de cotas, que Colaço ouviu falar em ótica e outros fundamentos da física pela primeira vez. Até ser aprovado, passou três anos no curso, aprendendo não só trigonometria como noções de antropologia e sociologia.

A convivência com a turma da Uerj foi tranquila – mesmo com alunos que eram publicamente contra cotas. Duro foi conviver com o que Colaço chama de “falsos cotistas”. “Essas pessoas que burlam a lei me incomodam muito. A gente fica sabendo quem entrou por cota. Mas, conforme vai convivendo, vê que o estilo de vida não condiz com a renda declarada”, conta. Os sinais de riqueza são claros. Férias de verão em Ibiza, esquí em Aspen, carro novo na garagem.

No quarto ano, não se conteve. Num debate sobre questões cotidianas no centro acadêmico veio a pro-

● **Certezas**

EUCLIDES COLAÇO

MÉDICO RECÉM-FORMADO PELA UERJ, COTISTA

“Quem acredita que o vestibular separa o joio do trigo não precisa se preocupar com o sistema de cotas. A universidade vai eliminar os que não conseguem aprender.”

“Agora eu tenho o resto da vida para fazer tudo o que eu quiser.”

vocação. “A entrada dos cotistas não interfere na qualidade da universidade. Mas essa questão sempre volta nas discussões”, lamenta. Diante de 300 pessoas, bateu boca com um aluno do último ano, um falso cotista.

Colaço apelou para a ética. “Como pode alguém se tornar médico se entrou na faculdade usando uma mentira? Do outro, a resposta padrão que tanto irrita Colaço. Burlar o sistema é uma forma de protesto para evitar que pessoas “menos capacitadas” entrem para a universidade. A discussão esquentou, mas a turma do deixa-disso entrou em ação para acalmar os ânimos.

Da capacidade de um cotista se formar médico, Colaço nunca duvidou. “Quem acredita que o vestibular separa o joio do trigo não precisa se preocupar com cotas. A universidade vai eliminar os que não conseguem aprender.” Mas no terceiro ano passou por uma crise



Em campo. O médico Euclides Colaço faz atendimento na casa do paciente Gileno Santos, em Vila Isabel

que quase o fez abandonar o curso. “Me sentia inferior aos outros. Eu estava tirando notas baixas nas provas, corria o risco até de repetir.” Demorou a perceber que a razão era a falta de tempo para estudar. Além da faculdade em horário integral, Colaço dava aulas particulares para garantir a passagem de trem, as refeições na faculdade e os livros. Ainda ensinava, de graça, no curso pré-vestibular comunitário.

Residência. Colaço só não largou a faculdade graças ao apoio dos amigos, cotistas e não cotistas. Uma delas, Monique Barreto, negra, cotista e uma das melhores alunas da turma, foi fundamental. Quando começou a se lamuriar sobre seu sentimento de inferioridade, ouvia da amiga um “cala a boca e estuda”. Ele obedeceu.

No sexto ano, teve sua segunda crise. Na hora de escolher a residência, sua vontade era fazer medicina de família,

que atende principalmente pessoas carentes nos serviços de Programa de Saúde da Família. Titubeou quando começou a ouvir: “Ah, você não quer estudar, né?” Medicina de família ainda é considerada, mesmo entre muitos médicos, como medicina simples para pessoas simples com médicos simples. “Não é isso. É uma atenção primária que resolve 87% do agravo de saúde das pessoas e desafia postos de saúde e emergências dos hospitais.”

No final, falou mais alto a vocação e o apoio do melhor amigo, Rodolfo Deusdará, um não cotista que está fazendo residência em medicina de família, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “Dinheiro nunca foi o mais importante para mim. Eu quero trabalhar onde eu realmente faça a diferença.”

A vida da família Colaço já deu um salto. Hoje, ele ganha três vezes mais do que na época em que dava a volta na cidade

de com suas aulas particulares. Quando terminar a residência, pode ganhar mais de R\$ 10 mil como médico do Programa Saúde da Família.

A principal recompensa pelo esforço que ele e toda família fizeram nos últimos seis anos foi a noite de 15 de dezembro de 2010. Uma van alugada levou até a casa de festa no Recreio dos Bandeirantes, a 70 quilômetros de Nilópolis, a mãe, a madrinha, os três irmãos, a professora do maternal e outra do ensino médio para assistir à formatura. “Fizemos uma dívida absurda”, lembra.

Os gastos chegaram a quase R\$ 4 mil, incluindo a compra de um vestido vinho longo para a mãe e o aluguel de um smoking para o formando e de três vestidos para as professoras e a madrinha. Tudo dividido em suaves prestações. A choradeira da família foi a prova de que valeu a pena.

ASCENSÃO SOCIAL JÁ É REALIDADE

Os símbolos são diferentes, mas o orgulho é o mesmo. O CrossFox amarelo reluzente no estacionamento da Unidade de Pronto-Atendimento (UPA), em Ricardo de Albuquerque, é o orgulho de Ana Paula Souza Costa, de 29 anos. É verdade que o carro foi parcelado em 36 vezes e nem é zero quilômetro, mas Ana realizou o sonho de abandonar o ônibus.

Gabriel Ferreira Santiago, de 24, preferiu mudar de endereço. Deixou a casa da mãe no Méier, zona norte do Rio, para dividir um apartamento alugado com um amigo na glamorosa Ipanema, pertinho da praia.

Ana e Gabriel são cotistas da Uerj. Ambos preferiram esperar um ano para fazer especialização. “Residência paga muito pouco. Se a gente não tem um pai que banque, fica complicado”, diz Ana. Nenhum dos dois tem pai rico. Ana é órfã de mãe. Seu pai é sargento da reserva. Gabriel é filho de enfermeira. O padrasto é taxista. Com o plantão na UPA, do governo estadual, e em um CTI numa clínica particular da zona sul, ganha R\$ 12 mil. “Não fiz residência porque queria primeiro ter essa prática. Adoro trabalhar na UPA, as pessoas realmente precisam do meu trabalho.”

Alguns dias são cruéis. “Tem gente que chega muito mal. Já chegou criança de 2 meses morta na minha mão. Sofro e tento ajudar. Fico depois do



Novo endereço. O médico Gabriel Santiago trocou o Méier por Ipanema

meu horário, levo paciente grave na ambulância para outro hospital. Faz parte da minha profissão correr riscos.”

No fim do ano, Gabriel faz a prova de residência para clínica geral e depois, quem sabe, especializa-se em gastroenterologia. Só não vai largar a clínica. “Esse contato com o paciente é muito bom.”

Estresse. Ana não sabe bem o que quer. Pensou em dermatologia. Queria uma vida tranquila, trabalhar das 8 às 17 horas, ganhar bem. “Sem esse estresse de ver gente morrendo”, explica, escaudada por plantões estafantes na UPA, onde ganha R\$ 7,5 mil por mês. Desistiu após estagiar numa clínica de dermatologia estética. “Não quero ficar receitando gelzinho para acne. É uma vida muito fútil.”

Agora pensa em fazer dois anos de residência em clínica geral e outros dois

anos em gastroenterologia.

Os últimos meses não têm sido fáceis. Nos três dias em que dá plantão de 12 horas na UPA, Ana atende em média 60 pessoas por dia, ou seja, um paciente a cada 12 minutos. Tem de tudo. De suspeitas de dengue a infartos, passando por conjuntivite e baleados. Mal consegue ir ao banheiro. “Não passo ali na frente (sala de espera dos pacientes) porque tenho medo de alguém querer me bater.” Ameaça real de agressão, só viveu uma. “Quiseram me bater porque estava demorando. Tinha muito paciente grave”, lembra. Chamou um segurança e voltou para casa chorando. Traumatizada, deixou os plantões noturnos. Em setembro, parte por quatro meses para um cruzeiro. Vai ser a médica do navio, ganhando € 3,6 mil por mês. Na volta, vai decidir o que fazer.

RESIDENTE BUSCA VIDA TRANQUILA

Palmira Rodrigues, de 24 anos, podia escolher qualquer especialidade entre as mais de 20 oferecidas para residência. Escolheu a mais difícil. A relação candidato/vaga para dermatologia chega a 60. São poucas vagas e muita gente interessada em uma vida tranquila, sem plantões em emergências e com procedimentos bem remunerados. Palmira entrou para uma das cinco vagas na residência no Hospital de Bonsucesso, da rede federal, um dos melhores serviços de dermatologia do País.

Palmira é cotista. Ficou órfã de pai e mãe aos 17 anos, quando se preparava para o vestibular. Ela e o irmão, que dividiam a pensão de R\$ 1 mil, foram morar com uma tia. Como estudou a vida inteira no Colégio Pedro II, da rede federal, usufruiu do sistema de cotas da Uerj.

“Sempre fui excelente aluna, mas tive de conviver com as restrições do meu colégio, como greves e falta de professores. Não tive boa preparação para o vestibular e não passaria naquele ano sem as cotas. Talvez no seguinte.”

Nos seis anos de faculdade, nunca tirou nenhuma nota final abaixo de sete. “As cotas foram um impulso para que eu pudesse mostrar minha determinação e potencial como aluna e médica.”

Nos primeiros anos de Uerj, pensou em fazer residência em ginecologia e obstetria. Desanimou tão logo começou a fazer plantão na especialidade no último ano de faculdade. “É uma loucu-



Dedicação. Palmira foi cotista e passou em residência concorrida

ra. Até eu conseguir fazer um consultório mais leve, seriam pelo menos dez anos de ralação na obstetria, com muitos telefonemas de madrugada.” Procurou algo mais tranquilo.

“Quería fazer alguma coisa que me desse mais qualidade de vida, um horário fixo.” A parte mais rentável é a estética. Uma aplicação de botox custa em média R\$ 700. Palmira também quer trabalhar em hospital público. “A parte de doenças é muito interessante. No hospital público a gente vê muita coisa, algumas bem chocantes, mas é muito dinâmico.”

O desejo não é uma retribuição ao benefício de ser cotista em uma universidade de boa qualidade. “Nunca pensei nisso. Quero continuar no serviço público, mas não por obrigação”, conclui.

CONVIVÊNCIA DA TURMA FOI PACÍFICA

Orador de Monique Barreto Santana na formatura deu o tom da união da turma. “Já na pré-matricula a gente não se estranhou”, começou, diante da plateia lotada de uma casa de eventos no Recreio do Bandeirantes, na zona oeste. Lembrou que eles chegavam à faculdade de carro, ônibus ou no “nada suave balanço de um trem”. “Mais que por uma faculdade, por uma profissão, estamos unidos pelo privilégio que é fazer do cuidado ao próximo o exercício diário de nossas vidas.”

Monique, negra, cotista e uma das

melhores alunas da sala, foi eleita oradora da turma de Medicina da Uerj 2010, apesar de a maioria dos alunos não ter entrado pelo sistema de cotas. Antes dela, Flávia Nobre, também cotista, tinha mostrado seu prestígio entre os colegas. Fora escolhida como representante de turma no primeiro ano. “Nunca mais me deixaram sair do cargo. Fiquei até o último ano”, conta.

A escolha das duas mostra que a convivência, ao menos entre os alunos, foi pacífica. Mesmo com os que eram declaradamente contra as cotas. “Não concordo com elas nem com os critérios. Sou terminantemente contra cota para

negro e não é porque eu sou branco”, diz Felipe Bessa, que terminou a faculdade com média 8. Bessa é amigo de vários cotistas negros da turma. Mais que isso. Admira especialmente Monique e Thiago Peixoto. “Eles são negros, cotistas e excelentes médicos. São tops da turma”, atesta Bessa. “Aqui, negro, branco, pobre e rico convivem numa boa.”

Modelo. Flávia nunca sentiu na pele preconceito. Mas reconhece que não se enquadra no protótipo do cotista. “As pessoas pensam logo que cotista é negro e pobre. Eu sou branca, falo bem, me visto direitinho.” Por isso, ao longo dos

seis anos, fez questão de dizer para todo mundo que era cotista. “Era uma forma de quebrar o preconceito.” Filha de um motorista de táxi e uma dona de casa, passou para residência em cirurgia geral na Uerj. Comprou poucos livros. Estudava na biblioteca, fazia xerox, pegava livro emprestado com veteranos. “Foi muito sacrifício para o meu pai me manter na faculdade.”

Thiago Peixoto, paulistano, filho de caminhoneiro, ainda paga dívidas no banco, contraídas ao longo do curso. Calcula que em mais um ou dois meses vai conseguir zerar as dívidas. Peixoto ganha R\$ 2,2 mil na residência em clínica geral na

Uerj. Com os plantões de 12 horas aos sábados na UPA, consegue mais R\$ 2,5 mil. “Para médico não falta emprego.”

São tantas as ofertas de plantões que Monique não atende mais o celular. Ela faz residência de clínica geral na Uerj e dá plantão aos sábados. Em janeiro, trabalhou sem parar para pagar a dívida de R\$ 2 mil da formatura.

Monique quer ser cardiologista. Para isso, terá de passar em outra prova difícil, após terminar a residência em clínica no fim de 2012. Até agora não enfrentou o atendimento aos pacientes constrangimento por ser cotista e negra. “O paciente que me perguntar se eu sou cotista o fará porque sou negra. E não quer ser atendido por uma médica negra é preconceito. Cabe processo.”